

IGNIÇÃO, CONTÁGIO, ACELERAÇÃO: HIPERSTIÇÕES COMO BOMBAS SEMIÓTICAS

Rodrigo Fernandez¹

Nísia Martins do Rosário²

Fabício Silveira³

Resumo:

O artigo problematiza as dimensões comunicacionais e midiáticas do conceito de hiperstição, desenvolvido de forma dispersa pelos participantes do CCRU — *Cybernetic Culture Research Unit*, entre as décadas de 1990 e 2010. Trata-se de um conceito sugestivo para uma ampla gama de movimentos teóricos, artísticos e políticos que compartilham um olhar atento para certos dispositivos de linguagem: em especial, o ruído, o estranhamento e as intradutibilidades dos processos semióticos. Para isso, como instrumento de cotejamento e sistematização teórica, parte-se das observações tardias de Iuri Lotman (2022) sobre o funcionamento da cultura. Como resultado, destaca-se o entendimento de que práticas hipersticionais podem ser vistas como tentativas de realizar explosões semióticas.

Palavras-chave: CCRU. Hiperstição. Explosões semióticas. Semiótica da Cultura. Aceleracionismo.

¹ Mestrando em Comunicação e bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Integra a Linha de Pesquisa Agenciamentos da Imagem (GPAGI) e o núcleo de Corporalidades do Grupo de Pesquisa em Semiótica e Culturas da Comunicação (GPESC). E-mail: wwrdfernandez@gmail.com.

² Professora e pesquisadora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atuando na graduação e na pós-graduação na área de comunicação. Doutora em comunicação social pela PUCRS, mestre em semiótica pela UNISINOS e pós-doutorado pela PUCSP. Bolsista PQ/CNPQ. E-mail: nisiarmartins@gmail.com.

³ Jornalista, mestre em Comunicação e Informação (UFRGS) e doutor em Ciências da Comunicação (Unisinos / RS). Pós-Doutor pela School of Arts and Media (Salford University, UK). Realizou estágio pós-doutoral — bolsa PNPd Capes — junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRGS. Foi professor visitante no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFOP / MG. E-mail: fabriciolopesdasilveira@gmail.com.

Abstract:

This article problematizes the communicational and media dimensions of the concept of hyperstition, developed in a dispersed manner by participants of the CCRU — Cybernetic Culture Research Unit, between the 1990s and 2010s. It is a suggestive concept for a wide range of theoretical, artistic and political movements that share a close look at certain language devices: in particular, the noise, estrangement and untranslatability of semiotic processes. To this end, as an instrument of comparison and theoretical systematization, it starts from Iuri Lotman's (2022) late observations on the functioning of culture. As a result, it highlights the understanding that hyperstitional practices can be seen as attempts to carry out semiotic explosions.

Keywords: CCRU. Hyperstition. Semiotic explosions. Semiotics of Culture. Accelerationism.

Introdução

Assimilada de formas distintas — por vezes explicitamente e, noutras, apenas como plano de fundo para certas preocupações epistemológicas —, a ideia de *hiperstição* passou a ganhar alguma tração, mesmo que de forma tímida, ainda muito localizada, nas duas últimas décadas. Embora se trate de um termo escorregadio, com suas fragilidades e inconsistências — quando não contradições —, parte do esforço deste artigo é mapear proposições dispersas, conceitualizações complementares. Pretende-se arriscar uma chave de leitura possível através de uma angulação comunicacional e um referencial teórico delimitado previamente — a Semiótica da Cultura (SC), na via de Iuri Lotman (1990, 2009, 2022). Esperamos, assim, suscitar novas discussões sobre como se dá o possível funcionamento de práticas ditas hipersticionais nos espaços semióticos em que estão inseridas.

Esse movimento de entrecruzamento teórico nos soa interessante na medida em que partimos do princípio de que, ao contrário das correntes semióticas consensualmente mais conhecidas, a SC se estabeleceu como um campo de problematizações fundamentalmente preocupado com a processualidade e o dinamismo da cultura, levando em consideração suas características relacionais, suas transformações constantes, apropriações e reapropriações, continuidades, rupturas, tensionamentos e dialogismos entre diferentes tipos de textos, codificados das mais variadas formas. Ao contrário da semiótica pragmaticista, por exemplo, que se preocupa em estabelecer uma taxonomia geral dos signos, o objetivo central da SC sempre foi “não encontrar uma verdade primeira ou última, mas as maneiras [em função das quais] a realidade é traduzida — reconhecida ou estabelecida,

compartilhada ou contestada — através dos mais variados processos e sistemas de significação” (Lorusso e Sedda, 2022, p. 584, tradução nossa)⁴. Entendemos ainda que, a exemplo do que propõem as autoras, esta semiótica segue dotada de uma “vocação operacional” e que tanto as categorias quanto a sensibilidade lotmaniana ainda são perfeitamente adequadas para pensarmos objetos, processos e sistemas da cultura. É o caso de hiperstições — ou, ao menos, se não delas próprias, do conceito em si, da forma como este se desenvolveu, foi apropriado e tomado como um tipo localizado e relativamente circunscrito de práticas culturais, artísticas e/ou políticas.

1. Delimitando o terreno

Hyperstition, no original, é um neologismo cuja origem, em detalhes, é incerta. Ora creditado individualmente ao filósofo britânico Nick Land⁵, ora a uma elaboração conjunta com outros membros do *Cybernetic Culture Research Unit* (CCRU)⁶, grupo do qual Land foi um dos líderes, desde o final

⁴ No original: “not based on the finding of a first or last reality but to the ways in which reality is translated — recognized or established, shared or contested — through the most varied processes and systems of signification”.

⁵ Para Maya B. Kronic (2012), sua ex-colega, Land teria sido o teórico que cortejou o ‘lado de fora’ da filosofia, ensaiando aproximações tão diversas que variam da nanotecnologia ao ocultismo, passando pela computação e pela antropologia. Em 1992, Land publica seu primeiro livro, *The Thirst for Annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*. No texto, delineia uma filosofia afirmativa do “Zero”, a partir de Lyotard, da economia solar e da ontologia do excesso de Bataille, fazendo germinar um anti-humanismo que seria a base das posições futuras do autor que, por volta dos anos 2010, após um suposto colapso mental e subsequente período de reclusão, reaparece em Xangai, alinhado politicamente e tornando-se parte da ecologia do movimento *alt-right* estadunidense. Para nos aprofundarmos sobre a carreira e a obra de Land, bem como de suas relações com o campo da Comunicação, conferir *O Exterminador do Futuro. Mídia, horror e política em Nick Land* (Silveira, 2025).

⁶ Ao que se sabe, o coletivo teve início na Universidade de Warwick, no Reino Unido, em 1995, a partir da associação entre Land e Sadie Plant, então uma jovem teórica feminista. Os dois esboçaram, já nesse primeiro momento, um projeto heterodoxo, dotado de um entendimento bastante amplo da “cultura cibernética”, para muito além daquilo que o Departamento de Filosofia ao qual eram associados esperava —

dos anos 1990 até o começo dos anos 2000. Envolto em poucas certezas, a acepção do conceito aparece de formas diferentes ao longo da literatura consultada. O que faremos aqui, portanto, é tentar circunscrever algumas de suas bases que parecem comuns, apontando o que surge como constante e de que forma certas irregularidades, nesse contexto, se evidenciam. Mais importante do que uma conclusão sólida ou uma determinação incontestável, no entanto, é justamente a indeterminação do termo e a forma pela qual, “ele próprio, instaura uma desconfiança epistêmica generalizada, visa produzi-la e beneficiar-se dela, mais do que apenas esclarecê-la” (Silveira, 2024, sp).

O conceito, ao que tudo indica, surge da combinação entre o prefixo *hyper* (hiper-, em português, relativo a um alto grau de algo) e/ou o termo *hype* (gíria oriunda de *hyperbole*/hipérbole, que normalmente significa um assunto em alta, uma tendência [da moda, do marketing] sobre a qual todos parecem precisar falar) com a ideia de superstição — estas, para Land (2009), seriam “crenças ingênuas”, não justificadas. As hiperstições, em contraponto, são *ficções que se tornam reais* — narrativas capazes de efetuar a própria realidade através de circuitos de retroalimentação positiva⁷ que

restringindo-se aos estudos sobre a internet. Tal compreensão que passa por uma alusão à cibernética tradicional, wieneriana, e um endosso do compromisso deleuzo-guattariano de que não é mais possível reduzir a ideia de “máquina” aos meios técnicos. A partir de 1997, o CCRU sai da universidade e passa a incorporar àquilo que já fazia uma série de formulações e sistemas próprios de tradições ocultistas, elaborando, inclusive, um sistema mágico-mitológico próprio que misturava filosofia pós-estruturalista, ficção científica e de horror, numerologia, teosofia e teorias da conspiração.

⁷ O vocabulário apropriado da cibernética é de suma importância. Em um dos textos seminais do CCRU, escrito, ainda antes de sua consolidação, por Plant e Land (2014), argumenta-se que a retroalimentação negativa seria sinônimo de um processo de reterritorialização, enquanto a retroalimentação positiva integraria as dinâmicas de desterritorialização, que mais lhes interessavam. Land e Plant veem Wiener como um dos grandes humanistas modernos por definir a cibernética como uma ciência do controle, postulando que sistemas de retroalimentação positiva, se não controlados, levariam à sua própria destruição — o caso, para eles, seria o de fomentar, justamente, uma cibernética de contínua retroalimentação positiva,

incluem a cultura como um de seus componentes. Falar em hiperstição seria falar da “(tecno-)ciência experimental das profecias autorrealizáveis”, nos termos de Land (ibid., sp, tradução nossa)⁸. São “profecias” funcionais, práticas, signos postos no mundo com uma função específica e que executariam seu papel na medida em que são retroalimentados pela sua própria circulação, pelos seus efeitos materiais, pela associação aos fluxos do mercado, da moda, de uma cultura dependente de estar a todo momento [*hyper*]conectada, viva em seus entrelaçamentos.

Uma hiperstição, portanto, em sentido estrito, se é que podemos alcançar alguma precisão semântica, é uma espécie de artifício semiótico que primeiro se apresenta de maneira ficcional, inventada, mas que, pelos seus próprios efeitos da e na cultura, se torna, então, parte daquilo que entendemos como uma realidade consistente (ou consensual, no mínimo). Contra-pondo-se ao par opositivo verdade/ficção, hiperstições buscam “explodir ‘grandes narrativas’ e modelos de realidade centralizadores, unificantes e logicamente supercodificados para gerar coincidências mágicas e desenhar mapas cósmicos” (CCRU, 2020, p. 12, tradução nossa)⁹.

O jargão hermético do CCRU, influenciado pela filosofia de Deleuze e Guattari e pela cibernética wieneriana, mas também pelo ocultismo do século XIX, pela literatura *weird* de William Burroughs e H. P. Lovecraft, se coloca, para nós, menos como um referencial último, o qual poderíamos tomar

desterritorializante, capaz de liberar os fluxos, acelerar e amplificar processos políticos e culturais variados.

⁸ No original: “(techno-)science of self-fulfilling prophecies”.

⁹ No original: “explode centralized, unified, and logically overcoded ‘master narratives’ and reality models, to generate sorcerous coincidences, and to draw cosmic maps”.

como autoridade, mas como um repositório de apontamentos e exercícios práticos daquilo que teorizaram a respeito, mas também puseram em movimento. Ao escreverem textos — quase sempre em blogs e páginas online — nos entrecruzamentos entre campos que variam da filosofia à numerologia, passando pela microbiologia e pela ufologia, o CCRU depreende desse tipo de exercício especulativo-fabulatório uma produção complexa e heterodoxa, que tem como consequência operações que buscam desestabilizar percepções lineares e binárias da conturbada relação entre o que seria um mundo real e um mundo ficcional, ecoando uma tradição de textos que mesclam filosofia e ficção que remonta a Nietzsche e Hans Vaihinger, mas que passa, também, por autores como Alfred N. Whitehead e Vilém Flusser.

Marques (2023, p. 93), em um raro esforço de circunscrever o conceito de forma clara e explicativa, define a hiperstição como “uma entidade virtual abstrata que se torna efetiva por meio de sua própria propagação e contaminação”. Segundo Cbrales (2019, p. 9, tradução nossa)¹⁰, “hiperstições viajam trans-temporalmente através da matriz virtual da História, transmitindo mensagens do futuro através do passado e estabelecem uma retroalimentação cibernética por meio da qual realidades virtuais se tornam reais”. Tudo isso, de acordo com o CCRU, percorrendo o “chamado dos Antigos” (CCRU, 2020, p. 363, tradução nossa)¹¹, entidades místicas, personagens, dinâmicas históricas e especulações sobre o passado e o futuro, sugerindo uma lógica temporal espiralada, não-linear, em que textos culturais têm a capacidade de viajar

¹⁰ No original: “Hyperstitions travel trans-temporally throughout the virtual matrix of History, transmitting messages from the future through the past and establishing cybernetic feedback by which virtual realities become actually real”.

¹¹ No original: “call to the Old Ones”.

no tempo, fabricando um futuro possível e/ou agindo como ferramentas para alterar efetivamente o passado.

Não é por acaso que, em grande parte da bibliografia consultada, há menos uma exegese teórico-filosófica do que a construção de uma atmosfera literária que apela, através de jargões e palavras-chave específicas, a um imaginário próprio da ficção especulativa e, em especial, da literatura de horror. Essas interlocuções, no entanto, não são artifícios ilustrativos, exemplos anedóticos ou adornos complementares. Pelo contrário, parecem parte fundante e intransponível de um tipo de prática que não se permite prescindir da aproximação com algo da ordem do insólito, do mágico e do inexplicável. A prática teórica assume uma espécie de função-imagem que, evocando uma longa lista de repertórios específicos, por exemplo, da literatura e do cinema, desenvolve uma epistemologia propriamente fabulatória. São textos que clamam por uma não-hermenêutica, que não pretendem esclarecer nada, descrever nada, mas se colocar dentro da (e como) máquina eles próprios. Atuam, enfim, “funcionando como sigilos mágicos ou diagramas de engenharia. [...] Estejam elas revestidas como ensinamentos misteriosos e religiosos ou como crenças seculares, hiperstições funcionam como catalisadores, gerando mais (e mais rápidas) transformações e subversões” (Carstens, 2010, sp, tradução nossa)¹². Tendo em vista que o que se quer com hiperstições, diz Benjamin Noys (2022), é ser “sexy”, caso não houvesse algum tipo de apelo afetivo, afinal, é presumível que seu poder de propagação — de suma importância, como veremos — seria ínfimo.

¹² No original: “functioning as magical sigils or engineering diagrams. [...] Whether couched as religious mystery teaching, or as secular credo, hyperstitions act as catalysts, engendering further (and faster) change and subversion”.

Uma das influências mais diretas no desenvolvimento do conceito, cabe destacar, para além da ficção lovecraftiana, do pós-estruturalismo e da obsessão de Burroughs pela ideia da linguagem enquanto um vírus¹³, foi a Magia do Caos — *Chaos Magick*, grafada em inglês com um “k” —, um metaparadigma contracultural do ocultismo que surge nos anos 1970 a partir da Thelema de Aleister Crowley e Austin Osman Spare. Pós-moderna por excelência, a Magia do Caos situa a prática mágica como principal critério de aproximação ao oculto — para isso, toma como base a ideia de “crença-como-ferramenta”, em que elementos de diferentes paradigmas religiosos são instrumentalizados tendo como objetivo final, sempre, obter um resultado específico. Utilizando estados alterados de consciência, símbolos arbitrários e criando técnicas próprias, buscam gerar resultados e efeitos práticos na realidade, alterando o que entendem como uma “realidade consensual”. Presumir que hiperstições funcionem é também acatar, pelo menos em parte, a hipótese de que a “ficção não é oposta ao real. Ao contrário, a realidade é entendida como composta por ficções — terrenos semióticos consistentes que condicionam respostas perceptivas, afetivas e comportamentais” (CCRU, 2020, p. 35, tradução nossa)¹⁴. Sistemas culturais de diferentes níveis teriam uma origem comum: “envolvem uma engenharia de manifestação, ou uma

¹³ Conforme elucida Pauluk (2002), por reflexo do sabido interesse do escritor nas ciências médicas e biológicas, um dos princípios centrais da teoria burroughsiana sobre a linguagem é o tratamento desta como um vírus exógeno ao ser humano, que o contamina a partir de fora e o obriga, com isso, a organizar o mundo em que vive. As proposições de que práticas hipersticionais seriam dispositivos de viagem no tempo também são altamente devedoras ao que Burroughs associava às suas técnicas de cut-up.

¹⁴ No original: “fiction is not opposed to the real. Rather, reality is understood to be composed of fictions — consistent semiotic terrains that condition perceptual, affective and behavioral responses”.

ficção prática, que são em última instância indignas de crença” (ibid., p. 12, tradução nossa)¹⁵.

Para o CCRU, ainda, hiperstições operam através do que chamam de “não-crença” — “*unbelief*”, no original. Com justas aproximações às premissas da Magia do Caos, a não-crença seria uma forma de fugir da dicotomia entre crença [*belief*] e descrença [*disbelief*]. Na não-crença, age-se já partindo do princípio de que um dado enunciado se concretizará (e que, portanto, em algum sentido, seguindo a mitologia que toma hiperstições como “viagens no tempo”, já se concretizou). De acordo com o CCRU, a não-crença constrói “um plano de potencialidade, em que a aniquilação do julgamento converge com uma verdadeira indeterminação cósmica” (CCRU, 2020, p. 28, tradução nossa)¹⁶. Para Anna Greenspan (2004), a força do hipersticional é justamente ter a habilidade de desviar da oposição crença/descrença sem, no entanto, ignorar a problemática, reconhecendo “a efetividade da ficção, usá-la e mesmo assim não acreditar nela. Você não precisa ‘acreditar’ no Prof. Challenger¹⁷, por exemplo, para perceber que ele tem a capacidade de produzir afetos, criar conceitos e transmitir sinais” (Greenspan, 2004, s.p., tradução nossa)¹⁸.

Para além do teor “tecno-mágico”, portanto, o processo de uma ficção se atualizando no real, aponta Fisher

¹⁵ No original: “involve an engineering of manifestation, or practical fiction, that is ultimately unworthy of belief”.

¹⁶ No original: “plane of potentiality, upon which the annihilation of judgment converges with real cosmic indeterminacy”.

¹⁷ Professor Challenger é um personagem ficcional criado por Arthur Conan Doyle e utilizado por Deleuze e Guattari (2000, p. 55) no terceiro platô. “Ele [Challenger] (?) afirmava ter inventado uma disciplina que chamava de diversos nomes: rizomática, estratoanálise, esquizoanálise, nomadologia, micropolítica, pragmática, ciência das multiplicidades.”

¹⁸ No original: “fiction’s effectiveness, using it and still not believing it. You don’t have to ‘believe’ in Prof. Challenger for example, to realize that he has the ability to produce affects, create concepts and transmit signal”.

(2018, p. 180), em um diálogo com *À Beira da Loucura* (1994), filme de John Carpenter, é menos dependente da crença do que do *hype*, do impulso coletivo, do frenesi de passar a infecção adiante. A hiperstição, assim como um vírus — ou uma estratégia de marketing —, depende da sua capacidade de seguir se replicando em nome da própria sobrevivência, criando espirais e desestabilizando a película divisória entre o ficcional e o real, entre o virtual e o atual, entre o futuro e o presente. A lógica do capitalismo tardio, hiperconectado, seria largamente dependente de hiperstições: a economia de mercado, movimentada diariamente por fluxos especulativos, trânsitos de artefatos e índices que só têm valor na medida em que são tratados como se, de fato, os tivessem: exemplos claros são o *buzz* ao redor de criptomoedas, atualizações contemporâneas da lógica da Bolsa de Valores transpostas para objetos com ainda menos lastro na realidade do que o dinheiro tradicional, que adquirem artificialmente um tipo peculiar de valor de culto, tornando-se artefatos com preços exorbitantes graças a um investimento libidinal — e financeiro, é claro — coletivo na [não-]crença de que determinado ativo será valorizado. Tudo isso acontece de forma difusa, “camuflada, prestes a sumir, mimetizando o ambiente ao redor, tornando-se invisível e nos confundindo” (Silveira, 2024, sp). Uma prática hipersticional, por definição, coloca ficção e realidade em um mesmo plano de desconfiança mútua, buscando, assim, gerar efeitos por meio das suas próprias dinâmicas de retroalimentação, fazendo-se valer da indecidibilidade e do ruído que cria. A linguagem torna-se caso de intervenção virulenta, de produção espiralar de contágios — e não, de forma alguma, de representação.

2. Por uma semiótica da imprevisibilidade

Tomada como um “campo de investigação radicalmente promissor” (Machado, 2003, p. 25), a SC se formou, ao longo dos anos 1960, a partir de um agrupamento heterogêneo de pensadores dedicados a áreas que vão da matemática à literatura: suas bases fundantes estão nas discussões interdisciplinares realizadas no grupo que se convencionou chamar de Escola de Tártu-Moscou, organizada e coordenada por Lúri Mikhailovich Lotman. Para além da terminologia sobre a qual a SC se sustenta — conceitos como texto, semiosfera, fronteira e modelização —, sistematizada por Machado (2003), nos interessa aqui, de forma central, a reorganização do próprio pensamento que Lotman fizera ao fim da vida, em especial, em *Mecanismos Imprevisíveis da Cultura* (2022) e *Culture and Explosion* (2009). As obras tardias do teórico russo, segundo Machado (2022), além de profundamente interconectadas, seriam a expressão da maturidade intelectual de Lotman, que retomaria algumas de suas principais categorias desenvolvidas ao longo de seus anos de atividade, mas agora com outra ênfase, dando luz a questões que, em outros textos, obtinham aparições ou consequências apenas implícitas.

É nestas reflexões finais, observa Gherlone (2022, p. 139), que Lotman se posiciona definitivamente como o sistematizador de um “pensamento de fronteira”, em que a semiótica sistêmica passa a se configurar, ainda, como uma semiótica propriamente do conflito, que pensa a negatividade, mais do que incontornável, como frutífera. Em última instância — e que nos é profundamente relevante aos propósitos deste trabalho —, Lotman “deslocou o estudo da comunicação do processo de transmissão unidirecional entre emissão e recepção para a dinâmica de geração de sentido propiciada pela recodificação interpretadora” (Machado, 2022, p. 25). Em

outras palavras: se antes o protagonismo da tensão e do conflito já era inferido, Lotman (2009; 2022) agora observa que as passagens tradutórias do extrassemiótico ao espaço da semiosfera e o dialogismo entre diferentes textos não acontecem sem que haja uma fricção geradora de novos sentidos. Privilegia-se o entendimento da tensão como propulsora de mecanismos onde “a redundância é minimizada e o ruído é elevado à potência criativa pela ocupação de zonas de não convergência” (Rosário, 2021, p. 15).

Existiriam, em linhas gerais, dois movimentos possíveis nos sistemas culturais: os primeiros são os graduais, contínuos e previsíveis. Seriam uma força poderosa de progresso, mas “não podem dar origem a algo novo” (Lotman, 2022, p. 93). De acordo com Lotman (2009, p. 7, tradução nossa), “esferas inteiras da cultura podem se movimentar apenas na forma de processos graduais”¹⁹. De forma antagônica — mas, destaca, interdependente —, estão as dinâmicas explosivas e imprevisíveis: tudo aquilo que, em dado momento, aparenta ser impossível está imediatamente excluído da esfera da previsibilidade (Lotman, 2022). Se os processos graduais são bem representados pela técnica, os explosivos estão com maior frequência nos domínios tanto da ciência quanto da arte.

Identificamos, portanto, que as produções e o pensamento desenvolvidos pelo CCRU se alinham com muita precisão ao que Lotman propõe para o conceito de explosão semiótica, tendo em vista que são os momentos de mais alto grau de informatividade, em que diferentes possibilidades de sentido colidem, impossibilitando o curso linear do tempo e

¹⁹ No original: “whole spheres of culture may achieve movement only in the form of gradual processes”.

desativando a “cadeia de causa e efeito” (Lotman, 2022, p. 93). A explosão se caracterizaria por “um momento de equalização de todas as oposições. Aquilo que é diferente parece ser o mesmo. Isso possibilita saltos inesperados rumo a estruturas organizacionais completamente diferentes e imprevisíveis. O impossível se torna possível” (Lotman, 2009, p. 158, tradução nossa)²⁰. Machado (2022, p. 35) destaca: “segundo tais premissas, quando impera uma alta concentração de processos físicos — no caso, de energia — seguem-se movimentos de desequilíbrio e estados de instabilidade e indefinição”. Estes processos, em último caso, geram o que chamamos aqui de uma explosão semiótica.

O momento da explosão, na concepção lotmaniana, não é apenas o ponto em que “novas possibilidades tomam forma, mas também o momento de criação de outra realidade, de deslocamento e de reinterpretação da memória” (Lotman, 2022, p. 97). Nesse processo de reinterpretação da memória — lembramos que, para Lotman, a cultura é memória coletiva —, nos parece que produções hipersticionais, atuando nas fronteiras, se dedicam justamente a isso: reorganizar e ressignificar textos e processos, “reforçando e energizando as interrelações entre elementos de pesquisa teórica e cultura popular” (CCRU, 2020, p. 11, tradução nossa)²¹. Geram, assim, uma memória criadora, orientada ao futuro. Para Lotman (2022, p. 203), afinal, o novo pode ser caracterizado como a “possibilidade de estruturas combinatórias semânticas inesperadas”. Nesse sentido, o campo da arte não apenas é

²⁰ No original: “The state of explosion is characterized by the moment of equalisation of all oppositions. That which is different appears to be the same. This renders possible unexpected leaps into completely different, unpredictable organisational structures. The impossible becomes possible”.

²¹ No original: “reinforce and energize the interrelations between elements of theoretical research and popular culture”.

aquele que privilegia a explosão com maior afinco, mas ela própria é a “filha da explosão” (Lotman, 2022, p. 114), por tratar diretamente dos processos de contato e recombinação entre diferentes tipos de sistemas.

3. Explodir para dispersar: aceleração e bombas semióticas

Lotman, ao fazer “figurar com protagonismo o conceito de tensão provocado entre espaços de intersecção e não intersecção e, nesse sentido, evidenciar o papel do ruído, dos códigos, da explosão e da função criativa da linguagem” (Rosário, 2021, p. 13), nos dá as bases para associarmos aquilo que é tido pelo esquema matemático da comunicação como ruído à sua função criadora. Vejamos: o CCRU, de acordo com os próprios, tinha a intenção de fazer com que “a filosofia/teoria social pudesse ser empolgante” (CCRU, 2020, p. 11, tradução nossa)²². Com isso em mente, mantinham, segundo Reynolds (2009, sp, tradução nossa), a mesma “relação de destilação com suas fontes (Gilles Deleuze & Felix Guattari, Paul Virilio, William Gibson) que o crack tem com a cocaína²³”. Para o jornalista, os “textos-CCRU” ofereceriam uma “adrenalina teórica” com uma “concentração extravagantemente alta de ideias por frase”. Fazendo-se valer da “máxima densidade de slogans” (Mackay e Avanessian, 2014, p. 36, tradução nossa²⁴), o intuito era romper com os sistemas descritivos e embaralhar modelos tradicionais de entendimento e comunicação — se aceitarmos as hipóteses

²² No original: “Our assumption throughout was that philosophy/social theory could be exciting”.

²³ No original: “the same distillate relation to its sources (Gilles Deleuze & Felix Guattari, Paul Virilio, William Gibson) that crack does to cocaine”.

²⁴ No original: “maximum slogan density”.

lotmanianas, a estratégia parece fazer sentido, tendo em vista que o momento da explosão pressupõe um “nível muito alto de informatividade” (Lotman, 2009, p. 14, tradução nossa²⁵).

O esquema comunicacional que se rascunha nas produções do coletivo, fica evidente, é calcado na não-intersecção, na não-redundância, no ruído e no estranhamento causados por uma elevadíssima densidade informacional. É intensidade — pura intensidade — sem forma. Justapondo sistemas semióticos aparentemente irreconciliáveis, uma hiperstição busca utilizar determinados artifícios de linguagem de forma intencional, instrumental, como meio técnico — e, acatando o jargão, arma mágica —, para alteração da realidade através, justamente, da confusão e da desestabilização de determinados códigos, da desorientação absoluta e da recusa à clareza em nome de um gesto estético e prático. Esse processo, se seguirmos com Lotman (1990), nos parece, em seus termos, retórico, uma vez que as regras do texto estão expressas nele próprio: o produto se apresenta ao mesmo tempo como “irracional (porque torna equivalentes elementos que se sabe que são não-equivalentes e totalmente distantes) e hiper-racional (porque incluem uma construção consciente na própria figura retórica)” (ibid., p. 38, tradução nossa)²⁶.

De acordo com o próprio grupo, “CCRU é um nome-de-marca sem significado, mas marcas são demoníacas, sintonizando nas dinâmicas do *Cyber-hype*, numerificando a cultura e inovando em métodos de propagação” (CCRU, 2020,

²⁵ No original: “it possesses a very high level of informativity”..

²⁶ No original: “they are in part both irrational (because they make elements that are known to be non- equivalent and totally disparate, equivalent), and hyper-rational (because they include a conscious construct directly into the rhetorical figure)”.

p. 15, tradução nossa)²⁷. Comunicacionalmente, o que interessa ao CCRU não é, de forma alguma, “textual, ideológico, representativo, intencional ou fenomenológico, mas maquínico e numérico-subtrativo (n-1)” (ibid., p. 98, tradução nossa)²⁸. O fundamental seria o não-significante e a função imagética do texto muito antes de qualquer potencial discursivo e ordenador: a potência processualmente virulenta dos signos, seu poder de memetização, geração de *hype* — “espirais de contaminação” — e mobilização de desejo e afetos em que, para além de qualquer intencionalidade comunicativa, reside o papel de determinados textos como “criptomódulos, pacotes de informação efetiva sem sentido, máquinas-jargão produzidas imanentemente” (ibid., p. 99, tradução nossa)²⁹.

É possível afirmar, portanto, que o que se produzia através do CCRU eram intradutibilidades (Lotman, 2009), tensionamentos na comunicação por meio de resistências de forças aos signos e seus processos significantes. Vale lembrar que, para o teórico russo, o que torna a comunicação viva e em movimento é, justamente, a tensão, as explosões semióticas. Rosário (2021, p. 11) observa que a “tensão, ao mesmo tempo que interpela os códigos propulsionando a sua atualização, permite a reorganização inventiva dos signos no texto e a orientação para novas semioses a partir da indeterminação de sentidos”.

Uma das mais efusivas decorrências desse tipo de prática foi o surgimento — e eventual dispersão — da

²⁷ No original: “CCRU is a meaningless brand-name, but brands are demonic, tuning into Cyber-hype dynamics, numerizing culture, and innovating methods of propagation”.

²⁸ No original: “textual, ideological, representational, intentional, or phenomenological but rather machinic and numerical-subtractive (n-1)”.

²⁹ No original: “cryptomodules, meaningless packets of effective information, immanently productive machine-jargons”.

constelação de problemas organizada sob a égide do termo *aceleracionismo*. As confusões ao redor do que o conceito significaria perpassam debates que foram, em maior ou menor grau, concatenados na coletânea *#Accelerate: the accelerationist reader* (2014). No livro, a obra de Land figura como elemento central daquilo que os editores definem como uma “heresia política” (Mackay e Avanessian, 2014, p. 4, tradução nossa)³⁰. De acordo com os autores, a urgência, à época, era traçar uma reconstrução histórica do movimento, elucidando más-interpretações, explorando diversas genealogias possíveis e colocando na mesa o aceleracionismo em si como um grande leque de “configurações filosóficas e proposições políticas” (ibid., p. 7, tradução nossa)³¹. Identifica-se aí um processo de deslizamento de sentidos, inclusão de ruídos em relação às regularidades e previsibilidades da escrita e do pensamento. Acontece o que poderíamos nomear como desarranjos criativos.

Na gênese das proposições landianas que eventualmente seriam inseridas sob a rubrica aceleracionista, há uma dimensão profundamente anti-humanista, quando não misantrópica, em que a agência do próprio Capital é colocada no centro de preocupações: ele, e não o proletariado, é o sujeito revolucionário por excelência — é a máquina que domina o tempo, o trabalho e a experiência e que, portanto, deve ser libertada. A ideia então seria incentivar tendências de escape e fuga da libido e do Capital em relação aos “Sistemas de Segurança Humana” — o Estado, aparatos públicos, a religião, a família etc. O Capital, na perspectiva landiana, é um agente de contágio viral que se propaga continuamente,

³⁰ No original: “political heresy”.

³¹ No original: “philosophical configuration and political proposition”.

parasitando a humanidade e do qual não temos como nos livrar. Sua proposta é que as forças produtivas estão destinadas a se emanciparem elas próprias, erodindo, em última instância, a própria humanidade — essa é a hiperstição aceleracionista “conjurada” por Nick Land. Para ele, o humano é um entrave à desterritorialização absoluta do Capital, inescapável por excelência.

Partindo disso, é em um texto curto que data de 2012 que Fisher daria as bases, de fato, para que um aceleracionismo de esquerda se constituísse sob esses termos. A proposta é inverter a ênfase que Lyotard e Deleuze & Guattari dão para a política como um meio de investimento libidinal. Seria o caso, agora, de instrumentalizar a libido para propósitos políticos: “Land foi o nosso Nietzsche” (Fisher, 2014, p. 341, tradução nossa)³², diz, referindo-se à “mistura bizarra do reacionário com o futurista”, ao “estilo de escrita que atualiza os aforismos do século XIX” e ao tom inventivo que se destaca, na prosa landiana, mais do que o conteúdo propriamente dito.

É em reação a esse texto de Fisher que é publicado, em 2013, por Srnicek e Williams, o *Manifesto for an Accelerationist Politics* (MAP), que consolidaria o aceleracionismo de esquerda enquanto uma postura mais particular e delimitada. O que propõem os autores, em linhas gerais, é que “gerar uma nova hegemonia de esquerda global implica na recuperação de futuros perdidos possíveis e, é claro, na recuperação do próprio futuro” (Srnicek e Williams, 2014, p. 351, tradução nossa)³³. A preocupação do aceleracionismo de

³² No original: “Land was our Nietzsche — with the same baiting of the so-called progressive tendencies, the same bizarre mixture of the reactionary and the futuristic, and a writing style that updates nineteenth-century aphorisms into what Kodwo Eshun called ‘text at sample velocity’”.

³³ No original: “To generate a new left global hegemony entails a recovery of lost possible futures, and indeed the recovery of the future as such”.

esquerda seria, portanto, ao contrário da aceleração incondicional landiana, uma navegação experimental do processo acelerativo, advogando que esta seria essencial para a emancipação humana e para a vitória em conflitos sócio-políticos.

Em paralelo, o Xenofeminismo (XF) é outro dos movimentos que surgem a partir da zona de influência do CCRU: operando através de estratégias de “*biohacking*”, xenofeministas têm como objetivo, através de uma reapropriação da técnica e da razão, abolir a ideia de gênero a partir de um transfeminismo radical. O prefixo -xeno — é importante destacar — se refere precisamente a algo tido como estrangeiro, estranho, alien — o XF, não por acaso, além de tomar o estranho como um caminho à emancipação, articula um elogio à ideia de alienação. Posicionando-se como “veementemente antinaturalista”, o XF toma como urgente a recusa a qualquer ordem natural que se coloque como imutável — conforme afirma o trecho que fecha o manifesto: “Se a natureza é injusta, mudemos a natureza!” (Cuboniks, 2018, sp).

Com o passar do tempo, a ideia de aceleracionismo passou a se referir menos ao anti-humanismo de Land e mais a uma constelação de autores, referências e inclinações gerais. O aceleracionismo, enquanto conceito, transitou do prognóstico landiano a um impulso que pendula “entre subversão e concordância, entre análise realista e exacerbação poética, [e] transformou o aceleracionismo em uma posição teórica ferozmente contestada” (Mackay e Avanesian, 2014, p. 4, tradução nossa)³⁴. É ponto pacífico que a hipótese — e o movimento — aceleracionista é largamente dependente de

³⁴ No original: “between subversion and acquiescence, between realist analysis and poetic exacerbation, has made accelerationism a fiercely-contested theoretical stance”.

lógicas hipersticionais, em especial se o entendermos, a exemplo dos seus principais comentadores, como um “significante flutuante usado para se referir a uma série de fenômenos complexos” (Noys, 2022, sp, tradução nossa)³⁵.

Desde uma perspectiva lotmaniana, é importante relembrar que a circulação de textos culturais implica que a semiosfera na qual estão inseridos opera sobre eles e, quando se trata de explosões semióticas, diversos processos podem entrar em funcionamento — tanto o de incorporação/assimilação do novo, como de alteração/adaptação e, até mesmo, o de exclusão. O eixo diacrônico dos conceitos do CCRU permite observar as explosões, inflexões, transformações e conversões que foram sofrendo no processo de circulação.

O que tanto o MAP quanto o XF mobilizam é a possibilidade — ou um apelo à necessidade — de hiperstições insurrecionais e emancipatórias, contrapondo-se às profecias de aniquilação postuladas por Land nos anos anteriores. O que se buscava, através da apropriação do termo, era um gesto estético — “[o] ‘aceleracionismo’ proporciona a ignição, o corte, a intensidade que outros significantes não conseguiram proporcionar” (Noys e Moraes, [2014] 2022, p. 246) —, mas também prático: “Burroughs considerava a escrita — e a arte em geral — não esteticamente, mas funcionalmente — ou seja, magicamente, sendo a magia definida como o uso dos signos para produzir mudanças na realidade” (CCRU, 2020, p. 35, tradução nossa)³⁶. Era a ideação de uma política, como já

³⁵ No original: “floating signifier used to refer to a range of complex phenomena”.

³⁶ No original: “Burroughs construed writing — and art in general — not aesthetically, but functionally,

— that is to say, magically, with magic defined as the use of signs to produce changes in reality”.

dissera Fisher, que soubesse usar investimentos libidinais ao seu favor, instrumentalizando, afinal, não a crença, mas o *hype* enquanto possibilidade de tornar real uma ficção — no caso, um novo tipo de organização sociotécnica, seja ela pela via do colapso ou da emancipação.

Nosso argumento é que as práticas engendradas pelo CCRU e seus herdeiros são, desde a concepção, agentes articuladores de formações retóricas que, pela incomunicabilidade decorrente das intensidades sendo postas em conflito, têm grande capacidade de desestabilizar sistemas comunicacionais e, assim, se propagar de forma virulenta, contagiosa e acelerada, causando explosões semióticas — são bombas de (não-)sentido. É a dinâmica que chamam de *Cyber-Hype*, que “investe libidinalmente sua própria semiótica, propagando quantidades ficcionais, marcando agências artificiais e se construindo conforme vai adiante, enquanto dissolve a produção em síntese cultural” (CCRU, 2020, p. 14, tradução nossa)³⁷. Nos deparamos, por exemplo, com escritos que dizem coisas como:

AxS:03 Hypermythos of the 3-Faced God, with its stacked time domains (1st capitalist (((((indefinitely) deep) diachronic) re) axiomatizing) Quasi- (2nd despotic (pure ((but always) retrospective)) Ideal- (3rd aboriginal (poly-ancestral, cyclic) Vague-)) Chronos) (ibid., p. 107).

É preciso ter em mente que “o estranhamento torna-se importante para entender os espaços de não intersecção da comunicação, porque opera sobre as potencialidades de decodificação do ruído e até de

³⁷ No original: “Cyber-hype libidinally invests its own semiotic, propagating fictional quantities, tagging artificial agencies, and making itself up as it goes along, whilst dissolving production into cultural synthesis”.

incorporação do estranho que, momentaneamente, é externo ao sistema ou faz parte das imprevisibilidades” (Rosário, 2021, p. 8). Fisher (2004, sp, tradução nossa)³⁸ é ainda mais radical: “Se o objetivo é disseminar informação, por que todo esse ruído? [...] Por que não se comunicar claramente? Porque a comunicação clara — e tudo que ela pressupõe — é o fantasma que o sistema projeta como a sua justificativa e objetivo sempre adiados”.

Interseccionando códigos e traduzindo linguagens de sistemas culturais alheios à semiosfera epistemológica do conhecimento científico, podemos inferir, a partir de Lotman (2009; 2022), que os espaços de não-comunicabilidade gerados pelo CCRU são capazes de, através da tensão e do conflito, da integração do “absurdo, [das] impossibilidades, [das] referências enigmáticas, [das] descontinuidades e imprevisibilidades” (Rosário, 2021, p. 15), catalisar explosões semióticas em que novos sentidos, antes imprevisíveis, passem a integrar o curso da história — assim, em acordo com os preceitos da semiótica lotmaniana, percebemos que um dos (diversos) aspectos dignos de interesse do ruído é sua possibilidade de desabituar o processo interpretativo.

Podemos extrair, portanto, algumas hipóteses. Primeiramente, uma hiperstição, se aceitarmos as premissas (mesmo que vagamente definidas) do que o conceito significa — e apenas nesse caso —, é, sempre, uma tentativa de executar uma explosão semiótica. Na medida em que um dado texto é construído tendo como intuito a alteração consciente da realidade pelos seus próprios mecanismos semióticos e da

³⁸ No original: “If the aim is to disseminate information, why all this noise? [...] Why not communicate clearly? Because clear communication — and all it presupposes — is the fantasm the system projects as its vindication and necessarily always-deferred goal”.

afinidade de práticas hipersticionais com a ideia de desestabilizar significações, engendrar novas possibilidades, desestabilizar a lógica temporal e, em última instância, fabricar o futuro, temos motivos para acreditar que estas se tratariam, nos termos de Lotman, de um tipo de explosão semiótica. Não por acaso, a hiperstição requer uma dimensão fabulatória que não pode se concretizar senão através de processos que podemos tomar como artísticos em algum nível. Por conta disso, uma crítica que se atenha unicamente ao conteúdo conceitual dos textos do CCRU tende a deixar escapar um de seus aspectos fulcrais: o ímpeto em gerar desconfiança e indiscernibilidade, fabricando problemas, sem tentar resolvê-los. Pelo contrário — incorpora-se o problema, tomando-o em benefício próprio, navegando nas suas condições e se valendo da suspeita, da confusão e, em termos comunicacionais, do ruído que gera.

Considerações finais

Sustentamos que práticas hipersticionais, conforme tentamos demonstrar, se evidenciam na profusão de códigos distintos, no entrelace de sistemas semióticos periféricos e no uso da linguagem enquanto performance (O’Sullivan, 2024), que, através de uma insistente radicalidade retórica (Lotman, 1990), acaba gerando efeitos de desestabilização nos processos comunicacionais ao incorporar não-textos no território da significação, traduzindo algo que anteriormente se apresentava como intraduzível e, no processo, gerando ruído. De acordo com o teórico russo, o “princípio gerador de sentidos do texto como um todo reside na justaposição de elementos que a princípio não deveriam ser justapostos. As suas recodificações

mútuas criam uma linguagem capaz de diversas leituras, um fato que abre reservas de sentido inesperadas” (ibid., p. 44, tradução nossa)³⁹. Ao mesmo tempo, também percebemos o texto-CCRU como explosivo na medida em que desorganiza outros textos, gera instabilidades e imprevisibilidades que, a exemplo de uma explosão *de facto*, espalha fragmentos de sentidos em todas as direções possíveis.

Esse processo fica claro quando vemos, afinal, os caminhos que práticas ditas hipersticionais tomaram ao longo das últimas duas décadas pós-difusão do CCRU: os textos gerados pelo grupo ocasionaram, em distintos graus, consequências que, apesar de locais, surpreendem pela diversidade de direções, encontrando ecos que vão da tecnofilia apologética do Vale do Silício e da *meme magick* utilizada pela alt-right trumpista (Cf. Haworth, 2023; Foscolo, 2023) ao “aceleracionismo fofo” (Cf. Kronic e Ireland, 2024) e o “comunismo de luxo” (Cf. Bastani, 2023). Em qualquer uma das situações, o que persiste é a centralidade do *hype*: do agito, da adrenalina, da empolgação enquanto força motriz e do texto enquanto mecanismo semiótico propagável revestido, ele próprio, de um investimento libidinal forte o suficiente para que uma ficção se torne, se não realidade em sentido estrito, algo com efeitos práticos e observáveis no mundo.

Em uma afiada leitura de todas essas movimentações recentes, Benjamin Noys — responsável por dar nome aos aceleracionistas, lembremos — argumenta no prefácio a uma nova edição alemã de *Malign Velocities: accelerationism and capitalism* que subestimou, à época — ele

³⁹ No original: “What is important is that the meaning-generating principle of the text as a whole lies in the juxtaposition of segments that are in principle not juxtaposable. Their mutual recoding creates a language capable of many readings, a fact which opens up unexpected reserves of meaning”.

se refere à publicação original do livro, em 2014 —, a ênfase que deveria ter dado a esse processo como um movimento propriamente cultural e estético. Mais do que isso: como o “primeiro movimento teórico na era da Internet e redes sociais” (Noys, 2022, p. 5, tradução nossa)⁴⁰. O autor diz, ainda, que a rápida dissipação de sentido do termo *aceleracionismo*, que com o tempo passou a se tornar cada vez menos delimitável, é precisamente o que pode mantê-lo enquanto um possível e interessante objeto de estudo capaz de oferecer respostas significativas sobre o presente — especialmente, conforme fizemos aqui, quando a ênfase da investigação é nos seus movimentos de linguagem.

Entendemos que práticas hipersticionais buscam criar textos através de métodos de bricolagem — ou sampleamento — de outros textos que se situam nas fronteiras das semiosferas epistemológicas, valendo-se ao mesmo tempo dos sistemas modelizantes da ciência, da filosofia, da arte e do ocultismo como meio de gerar desconfiâncias epistêmicas e “produções microculturais” com grande densidade semiótica que teriam a capacidade de desestabilizar a linearidade do tempo e produzir novas realidades — “Inventar o futuro, nomear um futuro por vir” (Parisi, 2016, sp, tradução nossa)⁴¹. Nos termos de Lotman, estas seriam explosões semióticas. Ao mesmo tempo, identificamos o próprio CCRU, tido como um texto, como articulador de uma explosão lotmaniana, na medida em que seus efeitos e influências são perceptíveis em diferentes semiosferas, com diferentes orientações, preocupações e direcionamentos que podem ter a sua origem mapeada como tendo interfaces com as redes de significação

⁴⁰ No original: “the first theoretical movement in the age of Internet and Social Media”.

⁴¹ No original: “Invent the future, name the future to come”.

geradas (ou intensificadas, no mínimo) pelo coletivo. Em paralelo, como alguns de seus críticos deixam claro, também são articuladores de processos culturais que nada têm de explosivos — reflexo, suspeitamos, de uma posição visceralmente anglocentrada.

Nossa leitura central, portanto, é que, embora a ideia de hiperstição pouco possa nos munir com um ferramental heurístico suficientemente adequado para a compreensão de processos de grande escala, a “produção microcultural” de algo que é “esteticamente estimulante, que envolve um impulso narrativo, imagem, som, estimulação perceptiva, mas que também é teoria, também é intensidade cognitiva” (Kronic, 2019, sp, tradução nossa)⁴², funciona como um mecanismo semiótico que é capaz de gerar incertezas, tensionar localmente determinados sistemas, reorganizar perspectivas e se propagar de forma virulenta, descentralizada, através de uma instrumentalização consciente dos processos de criação de *hype* — agito, empolgação — decorrentes da radicalidade retórica, de uma tentativa de traduzir o intraduzível — o “lado de fora” e do direcionamento às zonas de fronteira. Com isso, podemos considerar que a prática hipersticional rascunhada pelo CCRU se consolidou menos como um mapa preciso da realidade do que como um meio experimental de navegá-la.

Vale lembrar, em vias de finalização, o que, segundo Ireland e Kronic (2024, p. 89, tradução nossa), afinal, o CCRU buscava:

se encontrar com as vanguardas da produção cultural [...] e se engajar, positivamente, nos processos transformativos de

⁴² No original: “aesthetically stimulating, that involves narrative drive, images, sound, perceptual stimulation, but it’s also theory, it’s also cognitive intensity”.

desumanização, dessubjetivação e desnaturalização que eles desencadearam. Nos anos 90, isso significava *jungle*, internet, drogas, ocultismo, etc. A produção avançou e as vanguardas mudaram. Eu acho que se você quiser continuar captando o sinal do CCRU, você precisa resistir ao impulso de reproduzir todos aqueles significantes dos anos 90 e, em vez disso, tentar descobrir onde estão as vanguardas da desumanização, da dessubjetivação e desnaturalização na cultura de agora.

Entendemos, portanto, que a postura adotada pelo CCRU e a própria ideia de hiperstição se constituiu como um potente instrumento semiótico que viria a ser usado com diferentes — e imprevisíveis — finalidades, se proliferando continuamente, agenciando outras práticas especulativas que desterritorializam sentidos enrijecidos, constituindo-se a partir de um elogio às potências do falso, do ruído, da tensão e da incomunicabilidade, e apontando na direção de futuros, sejam eles inevitáveis ou impossíveis, desejáveis ou catastróficos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASTANI, Aaron. **Comunismo de luxo totalmente automatizado**. São Paulo: Autonomia Literária, 2023.
- CABRALES, Robert. **Aesthetaphysicks and the Anti-Dialectical Hyperoccultation of Disenchanted Representation: Hyperstitional Esoterrorism as Occultural Accelerationism**. Dissertação (Mestrado) — University of Amsterdam, 2019. Disponível em: <https://scripties.uba.uva.nl/search?id=697332>. Acesso em: 1 nov. 2023.
- CARSTENS, Delphi. *Hyperstition*. **ORPHAN DRIFT ARCHIVE**. 2010. Disponível em: <https://www.orphandriftdriftarchive.com/articles/hyperstition/>. Acesso em: 19 jan. 2024.
- CCRU. **Writings 1997-2003**. Falmouth: Urbanomic, 2020.
- CUBONIKS, Laboria. *Xenofeminismo: Uma política pela alienação*. **laboriacuboniks.net**. Disponível em: <https://laboriacuboniks.net/manifesto/xenofeminismo-uma-politica-pelaalienacao/>. Acesso em: 1 nov. 2024.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: Capitalismo e Esquizofrenia** (vol. 1). São Paulo: Editora 34, 2000.
- FISHER, Mark. *SOME PPL DYE THEIR HAIR PINK AND PICK SEXY SULKY INDIE AS THEIR TOPIC*. **K-PUNK**. 2004. Disponível em: <http://kpunk.abstractdynamics.org/archives/004441.html>. Acesso em: 19 jan. 2024.
- _____. *Terminator vs Avatar*. In: MACKAY, Robin; AVANESSIAN, Armen (org.).
- #ACCELERATE:** the accelerationist reader. Falmouth: Urbanomic, 2014. p. 337—346.
- _____. **Flatline constructs: gothic materialism and cybernetic theory-fiction**. New York: Exmilitary Press, 2018.
- FOSCOLO, Guilherme. *Fábrica de hiperstição: ou sobre como perdemos o mundo*. **Viso**: Cadernos de estética

aplicada, [s. l.], v. 17, n. 32, 2023. Disponível em: <https://revistaviso.com.br/article/510>. Acesso em: 19 jan. 2024.

GHERLONE, Laura. *The center-periphery dynamics in Juri Lotman's later works: A way forward for new epistemological dialogues*. **RUS** (São Paulo), [s. l.], v. 13, n. 23, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rus/article/view/20220>. Acesso em: 10 jan. 2024.

GREENSPAN, Anna. *On unbelief (a beginning)* **HYPERSTITION**. 2004. Disponível em: http://hyperstition.abstractdynamics.org/archives/2004_06.html. Acesso em: 10 fev. 2025.

HAWORTH, Christopher. *Post-punk, Industrial Culture Zines, and the Information Dark Age*. **Theory, Culture & Society**, [s. l.], 2023. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/02632764221151133>. Acesso em: 27 nov. 2023.

KRONIC, Maya B. *Nick Land: An Experiment in Inhumanism*. **readthis.wtf**. 2012. Disponível em: <https://readthis.wtf/writing/nick-land-an-experiment-in-inhumanism/>. Acesso em: 19 jan. 2024.

_____. **Towards a Transcendental Deduction of Jungle**. Entrevistador: Christopher Haworth. 2019. Disponível em: <https://readthis.wtf/writing/towards-a-transcendental-deduction-of-jungle-interview-part-1/>. Acesso em: 19 jan. 2024.

KRONIC, Maya B; IRELAND, Amy. **Cute Accelerationism**. Falmouth: Urbanomic, 2024.

_____. **The Acceleration Towards Cuteness**. Entrevistador: CATASTROP(H)IC. 2024. Disponível em: <https://readthis.wtf/writing/acceleration-cuteness>. Acesso em 10 fev. 2025.

LAND, Nick. **Hyperstition: An Introduction**. Entrevistador: Delphi Carstens. 2009. Disponível em: <https://www.orphandrifarchive.com/articles/hyperstition-an-introduction/>. Acesso em: 19 jan. 2024.

- LORUSSO, Anna Maria; SEDDA, Francisco. *For a semiotics of culture as a critique of culture**. **Social Semiotics**, [s. l.], v. 32, n. 5, p. 577—587, 2022. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10350330.2022.2157169> Acesso em: 19 jan. 2023.
- LOTMAN, Iuri. **Culture and explosion**. Berlim: Mouton de Gruyter, 2009.
- _____. **Mecanismos imprevisíveis da cultura**. São Paulo: Hucitec, 2022.
- _____. **Universe of the mind: a semiotic theory of culture**. London: Redwood Press, 1990.
- MACHADO, Irene. **Escola de semiótica: a experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003
- _____. *Prefácio à edição brasileira: Semiótica da imprevisibilidade e dos sistemas assimétricos*. In: Lotman, Iuri. **Mecanismos imprevisíveis da cultura**. São Paulo: Hucitec, 2022. p. 19-62.
- MACKAY, Robin; AVANESSIAN, Armen. **#ACCELERATE: the accelerationist reader**. Falmouth: Urbanomic, 2014.
- MARQUES, Victor Ximenes. *UM ESTUDO EM PRÁTICAS HIPERSTICIONAIS: ALÇAS ESTRANHAS, GUERRAS TEMPORAIS E TEORIA-FICÇÃO*. **Linguagem em Pauta**, v. 3, n. 1, p. 82—113, 2023. Disponível em: <https://linguagempauta.uvanet.br/index.php/lep/article/view/86/41>. Acesso em: 1 nov. 2023.
- NOYS, Benjamin; MORAES, Romulo. *Abuso acelerado de substâncias*. **Das Questões**, [S.l.], v. 15, n. 1, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/dasquestoes/article/view/44117>. Acesso em: 19 jan. 2024.
- NOYS, Benjamin. **Burn Out: Reflections on Accelerationism**. 2022. Disponível em: https://www.academia.edu/64818298/Burn_Out_Reflections_on_Accelerationism. Acesso em: 19 jan. 2024.
- O’SULLIVAN, Simon. **On Theory-Fiction and Other Genres**. London: Palgrave MacMillan, 2024.

- PARISI, Luciana. **Interview with Luciana Parisi**. Entrevistador: Stanimir Panayotov, 2016. Disponível em: <https://figureground.org/interview-with-luciana-parisi/>. Acesso em: 27 nov. 2023.
- PAULUK, Marcel Pereira. *William S. Burroughs, o vírus da linguagem e a máquina de produzir alucinações*. In: **XXV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 2002, Salvador/BA. Anais da INTERCOM. 2002. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/congresso2002_anais/2002_NP15pauluk.p df. Acesso em 27 nov. 2023.
- PLANT, Sadie; LAND, Nick. *Cyberpositive*. In: MACKAY, Robin; AVANESSIAN, Armen (org.). **#ACCELERATE: the accelerationist reader**. Falmouth: Urbanomic, 2014. p. 303-314.
- REYNOLDS, Simon. *RENEGADE ACADEMIA: THE CCRU*. **ReynoldsRetro**, 2014. Disponível em: <https://reynoldsretro.blogspot.com/2014/04/rene-gade-academia-ccru.html>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- ROSÁRIO, Nísia Martins do. *A tensão como potência para teorizar a comunicação*. **Galáxia**, [s. l.], n. 46, 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/48415>. Acesso em: 19 jan. 2024.
- SILVEIRA, Fabrício. *Da escrita hipersticional*. In: BEDIN, Cristiano; RODRIGUES, Elisandro; ALMEIDA, Kauan (orgs.). **Pensar, Montar: variações sobre leitura e escrita em educação**. Porto Alegre: PPGEdu / UFRGS, Editora Cirkula, 2024.
- _____. **O Exterminador do Futuro. Mídia, horror e política em Nick Land**. Porto Alegre: Zouk, 2025.
- SRNICEK, Nick; WILLIAMS, Alex. *#Accelerate: Manifesto for an Accelerationist Politics*. In: MACKAY, Robin; AVANESSIAN, Armen (org.). **#ACCELERATE: the accelerationist reader**. Falmouth: Urbanomic, 2014. p. 349-362.